



CIÊNCIA E FÉ EM HILDEGARD VON BINGEN

Science and Faith in Hildegard of Bingen

Maria Simone Marinho Nogueira¹

Ana Rachel G. C. de Vasconcelos²

RESUMO: Este artigo tem por objeto o pensamento de Hildegard von Bingen, uma importante mulher que viveu no século XII e deixou diversas obras escritas. Em suas obras médico-científicas e visionárias, é possível tanto identificar as suas principais influências intelectuais como compreender a sua visão sobre o homem e o universo. A partir daí, muito do contexto em que ela viveu – da conflituosa transição da cosmologia simbólica platônica para a astronomia de Aristóteles e Ptolomeu – se torna mais claro. Em seu tempo, a filosofia começava a ter contornos próprios, mais definidos, descolando-se da teologia e até mesmo investigando questões concernentes à fé, o que incomodou a muitos. Este artigo traz a postura de Hildegard diante desta contenda: ela, como monja beneditina, mesmo conhecendo e sendo influenciada por pensadores importantes e valorizando o papel do conhecimento para a prática da religião, reverbera o pensamento tipicamente monástico de desconfiança ante a valorização da dialética e tece críticas à postura dos filósofos escolásticos, enfatizando, em oposição a eles, a humildade e a proeminência da fé.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher medieval; Dialética; Razão; Fé; Século XII.

ABSTRACT: This paper focuses on the thinking of Hildegard von Bingen, an important woman who lived in the twelfth century and left several written works. In her medical-scientific and visionary works, it is possible both to identify her main intellectual influences and to understand her vision of man and the universe; therefore, much of the context in which she lived – from the conflicted transition from Platonic symbolic cosmology to the astronomy of Aristotle and Ptolemy – becomes clearer. In her time, philosophy began to have more defined contours of its own, detaching it from theology and even inquiring questions concerning faith, which bothered many. This article brings Hildegard's stance in the face of this dispute; she, as a Benedictine nun, even knowing and being influenced by important thinkers and valuing the role of knowledge for the practice of Religion, reverberates the typically monastic thought of distrust in the face of the valorization of dialectics and criticizes the posture of scholastic philosophers, emphasizing, in opposition to them, the humility and prominence of faith.

KEYWORDS: Medieval Woman; Dialectics; Reason; Faith; 12th century.

¹ Doutora em Filosofia pela Universidade de Coimbra. Professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade e do Curso de Graduação em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: mar.simonem@gmail.com

² Mestra em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: arachelgcv@gmail.com

Hildegard von Bingen (1098-1179) foi uma das maiores pensadoras do seu tempo. Versada em diversas áreas, como filosofia, teologia, música, astronomia e medicina, deixou obras escritas e fez contribuições teóricas relevantes para muitas delas. Hildegard ficou conhecida como visionária e profetisa, por ter atuado publicamente e influenciado personalidades notáveis, como o imperador Frederico Barbarossa e o Papa Eugênio III, mas seus prodígios vão além: ela diagnosticava doenças e prescrevia tratamentos, enquanto naturalista, legando-nos também escritos médico-científicos.

Neste artigo, portanto, será abordada uma das facetas mais interessantes de Hildegard, que foi chamada de primeira médica da Alemanha: a de naturalista e “cientista” medieval. Por meio de seus textos, é possível conhecer muito sobre a sua cosmovisão, as influências intelectuais que tinha e o pensamento – relativo às ciências médicas – vigente, uma mistura dos ensinamentos de Galeno e Platão com tradições locais, aportes proporcionados por pensadores patrísticos, árabes e judeus, e ainda de um aristotelismo incipiente, que se espalhava pela Europa em traduções inéditas.

Assim se verificará a grandeza de Hildegard, uma mulher do século XII que, mesmo dizendo-se iletrada, teve acesso a informações relevantes em relação ao universo e, de maneira específica, ao ser humano, e as registra tanto em seus livros visionários, como em seus livros médico-científicos.

Primeiramente, é preciso destacar a existência de uma ciência medieval relacionada à filosofia natural ou filosofia da natureza – por isso, neste ponto, história da ciência e história da filosofia se encontram – e situar Hildegard em seu século, tão cheio de novidades. Em seguida, serão expostas algumas de suas obras e algumas marcas fundamentais para a compreensão do pensamento de Hildegard, como a sua visão integrada entre ser humano e universo, sua “antropologia”, que entende o ser humano a partir da teoria humoral e o conceito de *Viriditas*.

Por último, se demonstrará que Hildegard, embora fosse culta e reconhecesse a importância da razão em mais de um momento, enquanto beneditina, critica a postura dos filósofos escolásticos de seu tempo, glorifica a humildade e reafirma o lugar da fé, acima da razão. Hildegard defende ainda uma “boa filosofia”, que é praticada de modo são e conduz à fé em vez de se afastar dela. Com este artigo, conhece-se um pouco mais esta pensadora medieval, suas ideias, seu modo de agir e pensar e as teorias que estavam em voga no século XII, tempo em que ocorreram diversas mudanças, com a introdução das obras de Aristóteles.

1. Hildegard von Bingen: “Cientista medieval”

A Idade Média foi um extenso período ao longo do qual muitas contribuições intelectuais foram feitas, não obstante a imagem que comumente se tem do período seja negativa, “de rígida e monótona uniformidade intelectual”³, existia a pesquisa e prática da ciência desde o princípio da Idade Média, e o método científico começou a ser desenvolvido já no século XIII.

Isto precisa ser lembrado, porque muitos não reconhecem a existência de uma ciência medieval, pelo fato de os pressupostos e as perguntas que moviam os pesquisadores da época serem diferentes dos atuais⁴ e porque ela aparecia, séculos atrás, relacionada à filosofia. Acontece que a própria ciência desenvolvida no mundo moderno não pode ser totalmente compreendida sem a consciência das mudanças ocorridas na Idade Média que a originaram⁵.

Desde a assimilação da filosofia grega pelo cristianismo, a filosofia encontrava-se subordinada à teologia, sem independência nem um caráter próprio, de modo que os principais problemas investigados tinham relação com conceitos teológicos, e as conclusões não poderiam divergir das preconizadas pela religião. Mas, a partir do século IX, ela passa a desenvolver-se, cada vez mais, de maneira autônoma, e a Escolástica chega a emancipá-la, promovendo novas questões não relacionadas à religião, ampliando seu campo de estudos e ainda, segundo alguns, invadindo áreas que diziam respeito à fé apenas.

Nos séculos XI-XIII, principalmente no XIII, aparece de maneira mais proeminente o interesse científico, com a observação direta das coisas. Assim são estabelecidas as bases para a criação do método científico e para o posterior desenrolar da ciência de modo autônomo. Nestes séculos, a tradição greco-latina estava se unindo ao conhecimento judaico, árabe e ao “pensamento científico” de Aristóteles, que predominaria a partir do século XIII.

Mulheres intelectuais também se envolviam com a ciência – principalmente com a medicina – como Trotula de Salerno (1050-1097) e Hildegard von Bingen (1098-1179), a naturalista mais ilustre do século XII, objeto deste artigo. Hildegard foi uma das

³ GIORDANI, Mário Curtis. *História do Mundo Feudal II/2*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 14

⁴ Cf. MARÍAS, Julián. *História da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

⁵ Cf. CROMBIE, A. C. *Augustine to Galileo. History of Science. A. D. 400-1650*. Cambridge: Harvard University Press, 1953, p. 12.

mulheres mais importantes do seu tempo, expoente em diversas áreas, como música, linguística, exegese bíblica, teologia, filosofia e medicina.

Famosa, foi procurada por pessoas de todos os níveis que precisavam de conselhos, orientações, orações ou mesmo curas das mais diversas doenças, e há muitos relatos de curas feitos pela Sibila do Reno. Presume-se que Hildegard, antes de tornar-se mestra de sua comunidade, aos quarenta e um anos, tenha trabalhado como enfermeira⁶ dentro do mosteiro beneditino de Disibodenberg, onde viveu aproximadamente trinta anos – do ingresso como aspirante à saída para Rupertsberg, mosteiro fundado por ela própria -, pois ele possuía uma enfermaria e um hospício e acolhia tanto leigos como religiosos.

De 1151 a 1159 ela dedicou-se à escrita de seus livros médicos, o *Liber compositae medicinae*, ou *Causae et Curae*, e o *Liber simplicis medicinae*, ou *Physica*. Alguns autores, como Bertha Widmer⁷, contestam a autoria de Hildegard, pois estes livros apresentam palavras na língua vernácula e são escritos sem menções à revelação divina, mas de maneira direta e, segundo Peter Dronke, até mesmo materialista e determinista, segundo os padrões atuais⁸.

No entanto, pelo fato de a *Acta inquisitionis de virtutibus et miraculis sanctae Hildegardis*, de 1233, citar duas obras médicas de Hildegard⁹; por haver um substrato comum a estas obras e às suas obras visionárias: a visão do cosmos e do homem; e por parecer apenas que ela não é autoritativa e impositiva quanto à medicina, diferentemente de quando expressa as mensagens divinas nos livros visionários e nas cartas, de maneira geral, os estudiosos reconhecem a autoria de Hildegard.

Ela sempre se apresentava como mulher indouta, ignorante, mas, em suas obras visionárias e médicas, é possível encontrar, mesmo que ela própria não cite, diversas referências. Ela demonstra conhecer – direta ou indiretamente – textos médicos antigos, como os de Galeno, Plínio e Dioscórides¹⁰; conhece também credices e costumes

⁶ “Antes de assumir as funções de magistra, ela pode ter servido como enfermeira para membros de sua comunidade religiosa, bem como para seus trabalhadores leigos e suas famílias; Disibodenberg tinha uma enfermaria e um hospício” STOUDET, D. L. “The Medical, the Magical, and the Miraculous in the Healing Arts of Hildegard of Bingen”, p. 258 In: *A Companion to Hildegard of Bingen*. Christopher M. B. (Org.), Boston: Brill, 2014, p. 249-272

⁷ Cf. Apud NEWMAN, B. *Sister of Wisdom: St. Hildegard's Theology of the Feminine*. Berkeley: University of California Press, 1987, p. 123.

⁸ Cf. DRONKE, P. *Women Writers of the Middle Ages – A Critical Study of Texts from Perpetua (203) to Marguerite Porete (1310)*. Nova York: Cambridge University Press, 2001, p. 239.

⁹ Cf. STOUDET, D. L. “The Medical, the Magical, and the Miraculous in the Healing Arts of Hildegard of Bingen”. In: *A Companion to Hildegard of Bingen*, Christopher M. B. (Org.). Boston: Brill, 2014.

¹⁰ Cf. SARTON, G. *Introduction to the History of Science*. Vol. III. Baltimore: Carnegie Institute of Washington, 1947.

populares típicos da região, talvez por isso tenha feito uso da língua vernácula¹¹ em alguns momentos; e conhece autores de seu tempo (como Constantino Africano e Hugo de São Vitor). Ela relaciona tudo isto com práticas religiosas medievais, principalmente beneditinas; com sua visão de mundo proveniente de seus dons extraordinários; e com suas próprias observações, decorrentes de sua atuação no cultivo de plantas, no preparo de remédios e receitas, e no trato com doentes¹².

Vê-se, assim, que Hildegard era bem-informada quanto às inovações e discussões de seu tempo, teve acesso a obras de seus contemporâneos, conhecia os textos de Isidoro de Sevilha, Rabano Mauro, Marciano Capella, Scotus Eriugena, Santo Agostinho e Gregório Magno, dentre outros, portanto, provavelmente recebeu uma educação monástica, fundamentada nas Escrituras e nos Padres da Igreja. Ela dominava conceitos apresentados por estes autores ao mesmo tempo em que fazia contribuições autorais, aprofundando as reflexões acerca dos temas.

Alguns conceitos expostos pela abadessa beneditina em seu *Liber Divinorum Operum* e em seus livros médicos são fundamentais para a compreensão de seu pensamento e devem ser destacados: a crença na “harmonia das esferas”, que remonta a Pitágoras; a correspondência entre o homem, microcosmo, e o universo, macrocosmo, que remonta a Platão; a visão integral do ser humano, como composto corpo e alma; a crença de que o corpo humano é composto por quatro fluidos, que remonta a Galeno (e Hipócrates); e *Viriditas*, conceito criado por ela.

A crença na “harmonia das esferas”, para ela, significa que toda a criação – até mesmo as órbitas dos planetas – emitem sons, como que numa sinfonia perfeitamente harmônica, sob a guia do Espírito Santo. Já a correspondência entre o homem, microcosmo, e o universo, macrocosmo (embora não utilize estas palavras), assume que o homem, centro da Criação, reflete e ao mesmo tempo domina o universo. Isto está desenvolvido, principalmente, no *Liber Divinorum Operum*, e é ilustrado numa das iluminuras mais famosas da abadessa:

¹¹ “As palavras germânicas são quase exclusivamente nomes de plantas e doenças, indicando que Hildegard se baseava em tradições populares vernáculas em vez de saberes médicos eruditos”. NEWMAN, B. *Sister of Wisdom: St. Hildegard's Theology of the Feminine*. Berkeley: University of California Press, 1987, p. 121.

¹² STOUDET, D. L. “The Medical, the Magical, and the Miraculous in the Healing Arts of Hildegard of Bingen”. In: *A Companion to Hildegard of Bingen*. Christopher M. B. (Org.), Boston: Brill, 2014.



O homem aparece ao centro, é circundado por uma série de esferas concêntricas, que giram, e por uma imagem de Deus, Caritas ou Amor. Segundo Hildegard, o amor emanado por Deus é a força que compõe a própria estrutura do Universo – que é redondo – e o sustenta, conferindo a ele harmonia.

Hildegard apresenta também uma visão do ser humano como composto corpo e alma, de modo que os pecados afetam o corpo e, frequentemente, orações fazem parte do tratamento de doenças físicas, ao mesmo tempo em que determinados alimentos ajudam a curar males espirituais, como a tristeza. É interessante destacar um trecho do *Liber Divinorum Operum* que atesta esta interrelação entre ser humano e universo, que vem sendo exposta. Ao descrever o universo, Hildegard faz analogias com o corpo humano: “Assim como o homem é fortalecido pelos olhos e pelos outros sentidos, o céu é iluminado pelo Sol, a lua e as estrelas, que alternadamente o auxiliam com sua luz”¹³.

Segundo a antropologia hildegardiana, o homem é composto por fluidos corporais ou humores que precisam ser equilibrados. Para ela, o corpo humano, que é um espelho do universo inteiro, é constituído por quatro humores ou fluidos: sangue, fleuma, bílis amarela e bílis negra, e a saúde é decorrente do equilíbrio entre estes fluidos no corpo. Quanto maior o desequilíbrio, mais grave a doença, e quanto mais correta a proporção, mais saudável a pessoa, daí advém a palavra “temperamento”, que significa “mistura adequada”. É sobre esta teoria, da necessidade de equilibrar os fluidos corporais para que a saúde seja restabelecida, que Hildegard embasa a maior parte das suas recomendações médicas.

¹³HILDEGARDA DE BINGEN. *Libro de Las Obras Divinas*. Trad. Rafael Renedo, 2013. Disponível em: <http://http://www.hildegardiana.es>. Acesso em: 18 de março de 2022, p. 135

Neste outro trecho do *Liber Divinorum Operum* fica clara a noção de que o homem influencia e é influenciado por elementos naturais e é composto por humores: “Então eu vi que, por causa das várias qualidades dos ventos e do ar, quando se encontram, os humores que estão no homem, agitando-se e transformando-se, assumem as características do vento e do ar. [...] Assim o homem se sente fraco ou forte”¹⁴. No início do *Causae et Curae*¹⁵, vê-se exposição similar, ou seja, tanto a má conduta do ser humano altera o funcionamento do universo e sua harmonia, como os ventos, a lua e o clima, afetam o ser humano.

Por último, é interessante lembrar o conceito de *viriditas*, verdor, força que dá a vida, energia vital, que está em toda a obra de Hildegard. Este conceito é difícil de ser compreendido, pois é utilizado apenas pela filósofa em apreço, com significados variáveis, a depender do contexto, mas é fundamental para a compreensão de sua concepção de mundo. Segundo Peter Dronke¹⁶, *viriditas* “é a expressão terrena da luz do Sol celeste; é a condição na qual os seres terrenos experimentam uma realização que é tanto física quanto divina; é a superação alegre do dualismo entre o terreno e o celestial”.

Simbolicamente, *viriditas* está relacionado ao princípio ou desenvolvimento da vida e Hildegard utiliza o termo em diversos contextos: o princípio vital de Deus teria sido transmitido para plantas, animais e pedras preciosas, de modo que, comendo determinadas plantas ou animais, é possível obter *viriditas*, mas também é possível ganhá-la através do cultivo das virtudes.

Por esta breve exposição é possível notar que Hildegard possuía uma vasta cultura e, além de incorporar em sua obra conceitos de autores antigos, como pensadora, apresentando em seu *Liber Divinorum Operum* uma visão de mundo condizente com a de outros pensadores de seu tempo, como Bernard Silvestris e Guilherme de Conches, faz também contribuições para aquelas teorias. Pode-se acrescentar, ainda, que Hildegard, filósofa e linguista, chegou a criar ela própria o conceito de *viriditas*, que não traz todo o seu sentido quando traduzida literalmente. Logo, por tudo isto se vê que ela era uma intelectual “sintonizada” com os pensadores de seu tempo e acompanhava as novidades

¹⁴ HILDEGARDA DE BINGEN. *Libro de Las Obras Divinas*. Trad. Rafael Renedo, 2013. Disponível em: <http://www.hildegardiana.es>. Acesso em: 18 de março de 2022, p.80.

¹⁵ HILDEGARDA DE BINGEN. *Libro de Las Obras Divinas*. Trad. Rafael Renedo, 2013. Disponível em: <http://www.hildegardiana.es>. Acesso em: 18 de março de 2022, p. 28-31.

¹⁶ HILDEGARDA DE BINGEN. *Libro de Las Obras Divinas*. Trad. Rafael Renedo, 2013. Disponível em: <http://www.hildegardiana.es>. Acesso em: 18 de março de 2022, p. 84.

da época, tanto é que reproduz a visão de Pitágoras, que só recentemente havia sido traduzido, sobre a harmonia das esferas.

2. Divergências entre monges e filósofos escolásticos

Como dito no início deste artigo, a filosofia começou a se emancipar em relação à teologia no século IX, movimento que se torna irreversível no século XII, com a maior valorização da dialética ou lógica, uma das artes verbais que compõem o *Trivium*. Isto provocou reações para dois extremos: de um lado, aqueles que se opuseram à postura dos escolásticos e à filosofia, exaltando a teologia, e, de outro, aqueles que escolheram a filosofia.

O primeiro grupo julgou negativamente os escolásticos e suas disputas, entendendo que estavam indo longe demais, afastando as pessoas de Deus, em vez de aproximando, e invadindo, com suas questões descabidas, um território exclusivo da fé. Otlo de Santo Emerão, Pedro Damiano, Manegold, Gautier de São Vitor e Rupert de Deutz são exemplos de personalidades que pensavam desta maneira.

Já o segundo grupo desejava expandir os limites alcançados pela filosofia e cria serem as questões relativas à fé passíveis de investigações filosóficas. Os “hiperdialéticos”, principalmente do século XIII, averroístas da faculdade de artes de Paris¹⁷, são exemplos de pessoas que pensavam desta maneira.

O modo de ver a filosofia e a teologia era diferente dentro dos mosteiros em relação às escolas e, com o tempo, as diferenças se acentuaram. Os monges, de maneira geral, entendem que viver de maneira virtuosa é o primeiro passo para o verdadeiro aprendizado, de modo que “era impossível, por exemplo, pensar corretamente se não se vivesse virtuosamente. Vida e aprendizado estavam inextricavelmente ligados”¹⁸, não sendo à toa, portanto, que Pierre Hadot, citando Leclercq, afirme que no monasticismo a filosofia não designava uma teoria, mas uma maneira de viver segundo a razão¹⁹.

A familiaridade com a Bíblia, a liturgia ao redor da qual os afazeres do dia giram em torno, a vida de oração e a experiência individual com Deus são fundamentais, e o próprio ambiente e a rotina monástica ajudam a moldar a pessoa exterior e interiormente, para

¹⁷ GRABMANN, M. *Filosofia Medieval*. Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2021.

¹⁸ WEI, I. P. *Intellectual Culture in Medieval Paris*. New York: Cambridge University Press, 2012.

¹⁹ Cf. HADOT, P. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014, p. 72. O estudioso francês não deixa de fazer uma crítica à noção de filosofia gestada na Escolástica, como puramente teórica e abstrata. Cf. p. 64-65.

que se torne apta a conhecer as verdades mais elevadas. Por estes motivos, principalmente a separação entre vida de virtudes e o ofício do professor, os monges escandalizaram-se com a realidade das escolas nos séculos XII-XIII.

É preciso lembrar ainda que, no mosteiro, exercita-se muito a obediência (terceiro grau da humildade²⁰, segundo São Bernardo). A obediência²¹ às autoridades eclesiásticas e o assentimento diante da doutrina dos Padres da Igreja, deixando de dar vazão a ideias próprias e novidades, seria algo desejável para o religioso, por favorecer o cultivo da humildade, a mãe de todas as virtudes e direto oposto da soberba ou orgulho, a mãe de todos os vícios.

Os monges medievais, portanto, valorizam a humildade e veem no comportamento dos filósofos escolásticos uma nota de soberba por não enxergarem os limites do intelecto humano e buscarem respostas para tudo, inclusive para os mistérios de Deus, desprezando completamente a contemplação. Para os monges, o homem precisa reconhecer as suas limitações e colocar-se em seu devido lugar, para não seguir os passos de Eva na tentação fundamental do homem: querer ser e conhecer como Deus²². Importa não sobrepor jamais em importância a razão à fé - esta é uma das críticas²³ de Bernardo de Claraval a Pedro Abelardo, que, como se verá a seguir, é ecoada por Hildegard.

3. Hildegard sobre o modo de proceder escolástico

Hildegard ecoa estas opiniões, como monja beneditina. Em primeiro lugar, ela valoriza a humildade. Em seu *Ordo Virtutum*, o coro das virtudes²⁴ e a alma infeliz²⁵ chamam a

²⁰ BERNARDO DE CLARAVAL. *Os Graus da Humildade e da Soberba*. Porto Alegre: Editora Concreta: 2016.

²¹ COLISH, M. *Medieval Foundations of the Western Intellectual Tradition, 400-1400*. Yale Intellectual History of the West. New Haven and London: Yale University Press, 1997.

²² Gn. 3,5: "Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal". A mulher no imaginário medieval oscilou entre a figura de três mulheres, Eva, a virgem Maria e Maria Madalena. Entre os religiosos, sobretudo, Eva encarna o mal, a responsável, de alguma forma, por todos os males da humanidade, e esta imagem, infelizmente, marcou a imagem das mulheres não só no período medieval, mas durante muito tempo.

²³ "A mera engenhosidade humana está se encarregando de resolver tudo, sem deixar nada para a fé. Está buscando coisas acima de si mesma, intrometendo-se em coisas fortes demais para ela, precipitando-se em coisas divinas e profanando em vez de revelar o que é sagrado. [...] Ele tenta explorar com sua razão o que a mente devota capta imediatamente com uma fé vigorosa. A fé acredita, não contesta. Mas este homem, aparentemente suspeitando de Deus, não acreditará em nada até que tenha examinado primeiro com sua razão" BERNARDO DE CLARAVAL. *As Heresias de Pedro Abelardo*. São Paulo: É Realizações, 2017.

²⁴ "Ó rainha nossa, a ti obedeceremos e teus preceitos cumpriremos totalmente". HILDEGARD VON BINGEN. *Ordo Virtutum - Ordem das Virtudes*. Brasília: Clube de Autores, 2020, p. 30.

²⁵ "Daí tu, ó Rainha Humildade, ajuda-me com teu medicamento!". HILDEGARD VON BINGEN. *Ordo Virtutum - Ordem das Virtudes*. Brasília: Clube de Autores, 2020, p.29.

Humildade de rainha, a alma penitente de verdadeiro remédio²⁶, e a própria Humildade afirma: “Eu, Humildade, rainha das virtudes, digo: vinde a mim, virtudes, e nutri-vos para buscarem a dracma perdida e coroarem-se na feliz perseverança”²⁷.

Ademais, Hildegard tanto valoriza a humildade que enfatiza a sua pequenez e ignorância, apresentando-se como “pobre pequena mulher”²⁸ e expressões semelhantes, como “pobre pequena forma de mulher”, “pobre pequena forma feminina”, “pobre pequena e iletrada forma feminina”, “pobre pequena frágil forma de mulher”, “pobre pequena criatura” e ainda “pobre, pequena e tímida figura de mulher”.

Ao reiterar sua ignorância, ela provavelmente buscou colocar-se na maior distância possível daqueles que eram admirados pelo saber, os filósofos²⁹:

Não tenho conhecimento de nada que não vejo na visão, **porque sou iletrada**. Assim, as coisas que escrevo são as que vejo e ouço em minha visão, sem palavras de minha autoria adicionadas. E estas são expressas em latim rudimentar, pois é assim que as ouço em minha visão, já que **não sou ensinada na visão a escrever como os filósofos**³⁰.

Por isso, alguns autores veem na ênfase que Hildegard dá à própria ignorância não apenas a reiteração de uma prática tipicamente monástica, que vê com bons olhos a virtude da humildade, mas também uma crítica velada, uma sutil contraposição, aos doutores de seu tempo.

Hildegard, polímata – que fez contribuições filosóficas, inclusive – chegou a ser criticada por ser ignorante quanto aos assuntos filosóficos³¹, isto denota que, de fato, havia uma rivalidade entre os monges e os mestres das escolas. Isto fica particularmente claro quando se vê que, no epistolário de Hildegard, alguns de seus correspondentes, para exaltá-la, estabelecem uma comparação com os filósofos, diminuindo-os.

²⁶ “Ó verdadeiro remédio, Humildade, mostra-me auxílio, pois a soberba me rasgou em vários vícios, impondo-me muitas cicatrizes. Agora, fujo a ti; por isso, sustém-me!”. HILDEGARD VON BINGEN. *Ordo Virtutum - Ordem das Virtudes*. Brasília: Clube de Autores, 2020, p. 28.

²⁷ HILDEGARD VON BINGEN. *Ordo Virtutum - Ordem das Virtudes*. Brasília: Clube de Autores, 2020, p. 22

²⁸ HILDEGARD VON BINGEN. *The letters of Hildegard of Bingen*. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. I, 1994, p. 95.

²⁹ WILSON, K. M. *Medieval Woman Writers*. Athens: University of Georgia Press, 1984, p. 71.

³⁰ Hildegard von Bingen. *The letters of Hildegard of Bingen*. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. II, 1998, p. 23 (grifos nossos)

³¹ “Em sua instabilidade, muitas pessoas, as sábias nas coisas mundanas, menosprezam esses meus escritos, criticando-me, pobre criatura feita de costela, ignorante de assuntos filosóficos”. HILDEGARD VON BINGEN. *The letters of Hildegard of Bingen*. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. I, 1994, p. 22.

O abade Ludwig, por exemplo, menciona filósofos e lógicos dentre aqueles que são superados por Hildegard: “Pois adornada com o privilégio milagroso da castidade, foste dotada por Deus de uma sagacidade tão elevada e notável que superas o alcance não apenas dos filósofos e lógicos modernos, mas também dos profetas da antiguidade”³².

Já o monge Volmar, secretário de Hildegard, após refletir sobre como ela faria falta, caso falecesse, denuncia o abuso por parte dos escolásticos e a superioridade dela em relação a eles, testemunhando o atrito entre o novo espírito escolástico e a antiga ordem monástica:

Por que tantos empreendem difíceis jornadas para partes remotas do mundo em busca de ensinamentos de vários homens – e tudo em vão? Por que, quando afligidos pela sede, fome e frio, **permanecem acordados a noite inteira, ouvindo as disputas, das sententiae, nas cortes?** [...] Assim, porque eles realizam muito pouco, ou nada, não podem compreender o mandamento do Espírito de Deus - antes, extinguem a centelha do Espírito de Deus por seu desprezo por Ele, embora pensem que por essa fâisca são algo importantes. O resultado é que, **para constrangimento dos escolásticos modernos que abusam do conhecimento que lhes é dado de cima, o Espírito de profecia e visão, revitalizado em um vaso frágil e sem ajuda de aprendizado secular, traz à tona coisas que eles não podem compreender de forma alguma**³³.

Por sua vez, o monge Guibert de Gembloux, último secretário de Hildegard, relata a reação de um erudito, Lorde Rupert, ao ler uma carta de Hildegard. O erudito compara a postura dos escolásticos, que nem sabem do que falam, à dela, diretamente inspirada pelo Espírito Santo:

Creio, disse ele, que nem mesmo os maiores teólogos da França hoje, por maior que seja sua inteligência, poderiam compreender completamente o poder e a profundidade de algumas das palavras encontradas nesta carta, exceto pela revelação do mesmo Espírito que as inspirou. Eles tagarelam com o coração seco e bocas tagarelas, divertindo-se em perguntas e querelas, das quais surgem querelas. E, o tempo todo, eles não têm a menor ideia do que estão falando. Assim eles se enredam - e a outros – inextricavelmente nas espirais emaranhadas da contenda. Mas esta bem-aventurada senhora, constantemente disciplinada, como ouvi dizer, pelo chicote da enfermidade, e restringida por sua própria vontade, contempla a única coisa que é necessária, a glória da Santíssima Trindade, com a máxima simplicidade de coração. Suave e gentil de coração, ela bebe dessa plenitude dentro de si e a derrama de si mesma para aliviar a sede de quem tem sede.³⁴

³² Cf. HILDEGARD VON BINGEN. *The letters of Hildegard of Bingen*. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. II, 1998, p. 195.

³³ Cf. HILDEGARD VON BINGEN. *The letters of Hildegard of Bingen*. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. II, 1998, p. 168 (grifos nossos).

³⁴ HILDEGARD VON BINGEN. *The letters of Hildegard of Bingen*. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. II, 1998, p. 29 (grifos nossos).

Estas cartas indicam que, de fato, havia uma rivalidade entre os filósofos e os monges, rivalidade que posteriormente foi acirrada no século XIII, com a fundação das universidades e a “disputa” entre a Faculdade de Teologia e a Faculdade de Artes, ou seja, a contenda entre os teólogos e os dialéticos ou filósofos. O que vemos, no contexto da pensadora em epígrafe, são as premissas de uma discussão que alcançará também a querela mística da qual participa outro alemão, Nicolau de Cusa (1401-1464), por volta de 1453, quando escreve o *De visione dei*, muito embora o surgimento do debate sobre mística no Medievo tenha nascido da recepção do *Corpus Dionisyacum* no Ocidente.

Mas voltando a Hildegard, ela própria tece duras críticas aos escolásticos, enquanto louva os monges e aponta a humildade como remédio para os orgulhosos, que tudo desejam saber e odeiam aqueles que andam no caminho reto:

Agora, porém, certos homens estão divididos em duas partes em seus corações. De um lado, **com grande orgulho de espírito, desejam saber todas as coisas e, por outro, odeiam o sucesso daqueles que andam no caminho reto** [cf. Pv 29.27], **Esta multidão diabólica, má de coração, trata os outros com severidade e crueldade.** Ainda assim, esta geração de espíritos malignos não se atreve a contradizer o que Deus estabeleceu, mas eles **fazem de cada causa uma questão de disputa** e assim o que eles voluntariamente escolhem para sua própria condenação afirmam ser bom e santo em Deus. Desta forma, eles levam o povo a um grande escárnio. Mas como esta geração será colocada em fuga? **Ela é destruída pela humildade e firmeza dos fiéis.**³⁵

Em outra carta, ao monge Guibert de Gembloux, Hildegard explica que o corpo é governado, na vida terrena, pela alma, que contempla as coisas celestiais pela fé. O bom conhecimento torna o homem consciente de que é pecador e está sujo, poluído pelo veneno da serpente que faz com que, embora consiga provar a glória da vida eterna, deixa de buscá-la com desejo verdadeiro, e por isso passa a ter uma baixa reputação no verdadeiro pensamento filosófico. Por fim, ela bendiz quem entende que a sua vida vem de Deus e aquele cujo conhecimento ensina que Deus o criou e o redimiu, ou seja, quem é humilde e é dotado do bom conhecimento.

No *Liber Operum Divinorum*, Hildegard também reafirma a crítica aos que se julgam sábios, porque são soberbos, aponta a superioridade da humildade, que traz como recompensa a verdadeira glória, e vaticina que aqueles serão reduzidos a nada: “E os olhos, isto é, a ciência, daqueles que se julgam sábios em seu orgulho arrogante, serão

³⁵ HILDEGARD VON BINGEN. *The letters of Hildegard of Bingen*. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. II, 1998, p. 62 (grifos nossos).

reduzidos a nada, porque perdem a recompensa da glória que a humildade concede, pois sem se arrependem procuram receber por suas boas ações só a glória do povo”³⁶.

Hildegard von Bingen – e alguns de seus correspondentes –, como se vê em algumas cartas e no *Liber Divinorum Operum*, está dentre os religiosos que observavam e criticavam o distanciamento da religião por parte dos filósofos. No entanto, ela não demonizava de todo a intelectualidade nem a razão, e disto sabemos não apenas por suas profícuas obras científicas e teológicas, mas porque, em suas *Cartas*, ela também faz uma defesa da filosofia.

Na carta 80r, em resposta ao monge Morard, Hildegard faz uso de uma alegoria na qual aparecem uma dama bela e nobre, uma velha enrugada e uma comerciante, que ao final ela identifica como a Filosofia. Hildegard explica que a filosofia originou as artes e, praticada com moderação e aliada à fé – pela qual se chega a Deus – ilumina todas as pessoas.

Coloque todo o seu coração, no entanto, com a comerciante. Pois a primeira mulher é o Amor Divino, com suas virgens que são a Benevolência e a Generosidade. Mas a velha enrugada de tez manchada é o Amor do Mundo, esse desejo vergonhoso pelo qual as pessoas lascivas se enredam umas nas outras. Mas a mulher mercadora é a Filosofia, que criou toda arte e que encontrou o cristal, a fé, pela qual se chega a Deus³⁷.

Portanto, Hildegard reconhece a existência de um conhecimento bom e a importância da filosofia, apenas destaca que ela deve levar a Deus, humildemente, e não afastar Dele, com uma atitude soberba, de quem quer respostas para tudo.

Conclusão

Neste artigo, explorou-se a figura de Hildegard von Bingen, intelectual do século XII, apontando aqueles considerados os conceitos-chave para a compreensão de seu pensamento cosmológico e antropológico, expresso em suas obras médico-científicas e visionárias: a crença na “harmonia das esferas”; a correspondência entre o homem, microcosmo, e o universo, macrocosmo; a visão integral do ser humano; a crença de que o corpo humano é composto por quatro fluidos ou humores; e a *Viriditas*.

³⁶HILDEGARDA DE BINGEN. *Libro de Las Obras Divinas*. Trad. Rafael Renedo, 2013. Disponível em: <http://www.hildegardiana.es>. Acesso em: 18 de março de 2022, p. 71.

³⁷HILDEGARD VON BINGEN. *The letters of Hildegard of Bingen*. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. I, 1994, p. 192.

Estas obras, especialmente no que se refere aos conceitos destacados, apresentam marcas de diversas influências, que vão desde pensadores greco-romanos e patrísticos a contemporâneos seus, evidenciando que ela certamente recebeu educação no mosteiro e acompanhava as publicações de seus contemporâneos.

Neste período, a Escolástica florescia e, com ela, a filosofia se desprendia cada vez mais da teologia, ganhando contornos próprios. Esta independência da filosofia, em relação à teologia, proporcionou que aquela alçasse voos “perigosos”, na visão de alguns medievais, chegando, com a supervalorização da dialética, a invadir uma seara que era própria da fé, atitude bastante criticada pelos intelectuais ligados a escolas monásticas, como Bernardo de Claraval, Rupert von Deutz e Guilherme de St. Thierry, que viam nisto uma atitude soberba, típica do homem que não reconhece os limites da razão nem se coloca em seu devido lugar.

A valorização da razão em detrimento da fé, segundo eles, vinha acompanhada de outras atitudes indesejáveis, como o rebaixamento da importância das virtudes e da vida de oração para a inteligência, desobediência às autoridades religiosas, propagação de conceitos errôneos em relação à fé e ainda discussões de conceitos elevados da teologia dentre jovens³⁸ despreparados que sequer haviam terminado a formação nas primeiras artes liberais.

Hildegard, portanto, posicionou-se, ao lado dos monges, condenando as atitudes dos escolásticos, ao mesmo tempo em que não desprezou a filosofia, enxergando nela uma utilidade – e isto se vê não apenas por que ela própria conhecia obras filosóficas, como também pelo que afirma em seus livros visionários e em algumas de suas cartas.

Ela exalta a razão e valoriza a filosofia, mas sempre as relacionando com a fé, e tece críticas aos filósofos soberbos, reiterando a importância da humildade, com a qual é possível vencê-los. Para ela, não há dúvidas: a teologia, a fé, é superior à dialética, à razão, mas esta tem sua importância. Existe uma boa prática filosófica: aquela que leva o homem a reconhecer a verdade de sua pequenez e a necessidade de um salvador.

Apresenta-se Hildegard von Bingen, assim, como uma mulher de fé e, ao mesmo tempo, como uma mulher de razão, posto que sua inteligência, iluminada pela luz divina, soube oferecer aos seus contemporâneos outra forma de fazer filosofia na Idade Média: uma forma que se apartava dos escolásticos, onde Deus muitas vezes era visto como um objeto a ser teorizado; e se aproxima da vida, onde Deus passa a ser experimentado, de

³⁸ WEI, I. P. *Intellectual Culture in Medieval Paris*. New York: Cambridge University Press, 2012.

alguma forma, também através do conceito hildegardiano de *viriditas*, ultrapassando-se certas polaridades ou binaridades na busca pelo sentido do todo no mundo.

Referências

BERNARDO DE CLARAVAL. *As Heresias de Pedro Abelardo*. São Paulo: É Realizações, 2017.

BERNARDO DE CLARAVAL. *Os Graus da Humildade e da Soberba*. Porto Alegre: Editora Concreta: 2016.

COLISH, M. *Medieval Foundations of the Western Intellectual Tradition, 400-1400*. Yale Intellectual History of the West. New Haven and London: Yale University Press, 1997.

CROMBIE, A. C. *Augustine to Galileo. History of Science. A. D. 400-1650*. Cambridge: Harvard University Press, 1953.

DRONKE, P. *Women Writers of the Middle Ages – A Critical Study of Texts from Perpetua (203) to Marguerite Porete (1310)*. Nova York: Cambridge University Press, 2001.

FLANAGAN, S. *Hildegard of Bingen: a Visionary Life*. Londres: Routledge, 1998.

GIORDANI, M. C. *História do Mundo Feudal II/2*. Petrópolis: Vozes, 1983.

GRABMANN, M. *Filosofia Medieval*. Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2021.

HADOT, P. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Tradução de Flávio F. Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.

HILDEGARDA DE BINGEN. *Libro de Las Obras Divinas*. Trad. Rafael Renedo, 2013. Disponível em: <http://www.hildegardiana.es>. Acesso em: 18 mar. 2022.

HILDEGARD VON BINGEN. *Ordo Virtutum – Ordem das Virtudes*. Brasília: Clube de Autores, 2020.

HILDEGARD VON BINGEN. *The letters of Hildegard of Bingen*. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. I, 1994.

HILDEGARD VON BINGEN. *The letters of Hildegard of Bingen*. Trad. Joseph Baird and Radd Ehrman. New York: Oxford University Press, vol. II, 1998.

MARÍAS, J. *História da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NEWMAN, B. *Sister of Wisdom: St. Hildegard's Theology of the Feminine*. Berkeley: University of California Press, 1987.

NEWMAN, B. *Voice of the Living Light. Hildegard of Bingen and Her World*. Berkeley: University of California Press, 1998.

NICOLAI DE CUSA. *Opera Omnia*. Iussu et auctoritate Academiae Litterarum Heidelbergensis. Hamburgi: Felicis Meiner, vol. VI – *De visione dei*, edidit A. D. Riemann, 2000.

SARTON, G. *Introduction to the History of Science*. Vol. III. Baltimore: Carnegie Institute of Washington, 1947.

STOUDT, D. L. “The Medical, the Magical, and the Miraculous in the Healing Arts of Hildegard of Bingen”. In: *A Companion to Hildegard of Bingen*. Christopher M. Bellitto (Org.). Boston: Brill, 2014, p. 249-272.

WEI, I. P. *Intellectual Culture in Medieval Paris*. New York: Cambridge University Press, 2012.

WILSON, K. M. *Medieval Woman Writers*. Athens: University of Georgia Press, 1984.